

A Mecânica da Vida

Do Nuno para o Luís
Outubro de 2005

«Toda a viagem tem um objectivo. Mas, no fim, o objectivo foi a viagem»

1 A Mecânica da Vida

Imagina uma pessoa que não pesca nada de carros. Vai na auto-estrada e fura-se-lhe um pneu. Está agarrada e fica dependente de uma alma caridosa que a vá ajudar. Imagina agora outra pessoa que até sabe trocar um pneu mas que mesmo assim pouco mais percebe de carros. Acontece qualquer coisa mesmo que simples e também fica agarrada, provavelmente nem chegando a perceber qual é o problema. Agora imagina um mecânico. O mecânico só ficará agarrado se algo insubstituível se partir. E garantidamente saberá sempre a razão do problema, seja ele qual for. Porquê? Porque já desmontou e montou todas as peças que há num carro e o conhece bem.

A vida é uma máquina, certo? Aliás, a vida é, de todas as máquinas, a mais complexa e também a mais importante. Como tal, esta é a máquina que, pela lógica, toda a gente deveria querer desmontar e montar mais vezes para não ficar dependente de mecânicos, correr o mínimo de riscos e ter o mínimo de acidentes por falha técnica enquanto a conduz. Mas não. A maior parte das pessoas limita-se simplesmente a conduzir a vida sem tentar aprender sobre a sua mecânica. Até podes argumentar que cada um sabe de si. Mas infelizmente não é assim tão simples porque alguém que não saiba guiar ou que não faça bem a manutenção ao veículo pode facilmente provocar acidentes que envolvam terceiros.

2 A Sociedade de Controlo

Vivemos dentro de uma coisa que se chama Cultura Ocidental. Da mesma forma que é extremamente fácil viver uma vida toda sem perceber nada da vida, é também extremamente fácil viver uma vida toda sem perceber nada da cultura que nos define e que nos determina. Como disse o José Gil naquele livro excelente que escreveu a explicar os portugueses, Portugal está a viver a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controlo. Neste caso o "disciplinar" refere-se ao salazarismo em que o estado disciplinava o povo através de coerção. O "controlo" refere-se ao facto de cada vez mais e de forma incontornável, as nossas vidas estarem a ser controladas por terceiras entidades cujo poder nos ultrapassa e que muitas vezes nos passam despercebidas.

Estamos sob controlo não na medida em que nos obrigam directamente a fazer o que querem (o que seria ainda um modelo disciplinar e acabaria por provocar reacções ditas revolucionárias que eventualmente nos libertariam dessa opressão) mas na medida em que não nos deixam alternativas. Porque num modelo de controlo o sistema funciona de uma forma específica e se não acompanhares o sistema então torna-se impossível viveres nele. Exemplo disso são os cartões multibanco e visa, as vias verdes, a Internet e etc. de que dependemos para sobreviver e através das quais somos controlados, manipulados, no mínimo monitorizados. Caminhamos para o famoso "totalitarismo" que George Orwell descreve no seu ainda mais famoso livro "1984" onde inventou o ainda mais famoso "Big Brother". Nas palavras de Deleuze, deixámos de ser indivíduos e passámos a ser divíduos.

Calma, isto não tem necessariamente de ser elevado até à teoria da conspiração. A forma como, através de uma série de mecanismos que nós próprios legitimamos, somos suggestionados nas nossas escolhas de maneira a agradar mais ao sistema é já um atentado à nossa liberdade e à nossa autonomia. A diferença fascinante entre a antiga disciplina e o novo controlo é que deixámos de ter noção de que somos controlados. Melhor, uma vez que os mecanismos de controlo vêm hoje quase sempre revestidos por camadas de "conforto" e de "progresso" e de "segurança", somos nós os primeiros a desejar adoptá-los.

Esses mecanismos são perniciosos porque utilizam uma técnica obscura mas de uma eficácia incrível que consiste em, sempre que aparece uma contracultura que pretende resistir e combater o sistema, este assimila-a subtilmente e esvazia-a de significado através da sua massificação. Por exemplo, há uns anos surgiu o conceito "*fashion victim*" para definir aqueles que estavam escravos da moda, uma vez que começaram a aparecer quadros psicológicos de pessoas que prejudicavam a sua vida por fazerem sacrifícios para se manterem na moda. Rapidamente o mundo da moda lançou t-shirts todas "*fashion*" a dizer "*I am a fashion victim*". As t-shirts são um dos melhores exemplos desta técnica porque conseguem banalizar qualquer frase. Por exemplo, é normal hoje ver uma criança tímida com um ar indefeso com uma t-shirt a dizer "*Have an attitude*", "*Look At Me*", "*No fear*" ou "*Just Do It*". Frases como estas que antes simbolizavam tomadas de posição foram reduzidas a simples bonecos e padrões de moda. Aniquilou-se o conteúdo, sobrou só a forma. Na prática isso significa que, muito à semelhança do que acontece em "Pedro e o Lobo", a sua mensagem se tornou ineficaz e por isso, ao terem sido incorporadas e distorcidas pelo sistema, deixaram de ser uma ameaça para o mesmo. São as próprias pessoas que, sem serem explicitamente obrigadas, contribuem.

3 A Liberdade

Imagina agora o clássico exemplo do animal de zoo que nasceu em cativeiro. Ele nunca conheceu a liberdade. Como tal, se calhar também nunca vai sentir a sua falta. Este exemplo, por muito que hoje ainda sirva para aplicar a animais, não é aplicável ao Homem. Não é admissível privar um ser humano da sua liberdade da mesma forma que não é admissível privá-lo do conhecimento.

Nas sociedades disciplinares o poder central manipula as massas explicitamente recorrendo a censura e terror. As pessoas estão conscientes disso mas impotentes ou paralisadas pelo medo. Umam resignam-se; outras lutam pelos seus direitos. Na nossa sociedade não. Acontece algo mais interessante e muito mais perigoso: Actualmente a maioria das pessoas está convencida de que goza de liberdade total. Tem dinheiro, pode viajar, pode rodear-se de tudo o que precisa para garantir o seu conforto e o da sua família, pode discutir abertamente sobre as coisas, enfim, sente ter liberdade de acções e liberdade de expressão. No entanto não é bem isso que se passa. Vou tentar explicar-te a minha perspectiva. Mas mais à frente torno a pegar nisto.

4 As Maiorias

Somos mais de 10 milhões de pessoas, mas penso que concordas que escasseiam pessoas inteligentes, escasseiam pessoas cultas, escasseiam pessoas tolerantes, escasseiam pessoas humildes, bondosas, preocupadas com o próximo, ou seja, escasseiam pessoas que tenham qualidades intrínsecas que dependam do seu carácter mais do que do condicionante ambiente. A maioria é, pela mesma ordem de ideias, mal-educada, egoísta, burra, intolerante, inculta, indiferente, etc.

A democracia é um sistema ditado pelas maiorias e baseia-se no princípio de que a vontade da maioria será concretizada. É importante entender duas coisas: a) uma vez que o nível de consciência de uma maioria é sempre muito baixo, a vontade da maioria não é necessariamente a melhor solução mesmo para essa própria maioria; b) o facto de os políticos andarem a distribuir beijinhos para angariar votos e a apelar ao coração nas campanhas eleitorais é a prova de que o povo, na sua maioria imaturo e inconsciente, não está preparado para eleger um poder representativo quanto mais para tomar decisões.

Não é objectivo deste texto discutir sobre ideologias políticas nem dizer que o problema está na democracia ou sugerir alternativas, até porque noutros modelos políticos o mesmo fenómeno se manifesta de outras formas. Pretendo apenas apontar argumentos para sustentar que uma maioria não tem consciência suficiente para ter um espírito crítico em relação à sua própria vida e pode facilmente ser manipulada e treinada para agir e reagir de determinada forma que não lhe é necessariamente favorável.

5 O Consumismo

Criámos um sistema em que tudo é movido pelo dinheiro. Hoje é o princípio e o fim. O dinheiro não pode estar parado. Tem de mudar de mãos cada vez mais depressa. Por isso, as coisas são feitas para serem cada vez mais, cada vez mais curtas, mais rápidas, mais consumíveis. Caso contrário a economia capitalista entraria em colapso conforme profetizou Marx (até agora erradamente) na lei do lucro marginal decrescente. Somos forçados a comprar cada vez mais coisas, cada vez mais vezes. E como a coisa é feita, na maioria dos casos, não só isso parece normal, como somos nós mesmos a promovê-lo por nos parecer lógico que assim tem de ser. O verdadeiro poder e controlo estão nas mãos das multinacionais. Já não é Deus mas sim o dinheiro – através dos *media* – a definir a moral por que nos guiamos. Mesmo o campo tradicionalmente mais independente, a Cultura, é cada vez mais difícil de manter isolado das multinacionais. Exemplos: A Portugal Telecom promove um evento cultural chamado PT Mix em que se gaba de incentivar “jovens criadores” a criarem objectos de “arte” mas depois nas regras diz coisas tipo “as suas dimensões não podem ultrapassar 3x3” e mais uma série de limitações, provavelmente resultado deste concurso ter sido inventado por uma equipa de marketing e não por uma equipa de artistas; Os grandes Festivais de Verão chamam-se "Optimus Hype@Tejo" ou "Galp Festival" ou "Sumol Lisboa Parade" e independentemente dos eventuais danos que uma empresa como a Galp provoque no meio ambiente, não só não conseguimos boicotá-la como, sem pensar muito nisso, acabamos por usar o boné e o autocolante com o seu logótipo quando lá vamos; Independentemente do prejuízo que o oligopólio das Telecoms traz aos consumidores, usamos sem preocupações uma t-shirt a dizer Vodafone em letras garrafais só porque é do Benfica; A banda Hip-hop portuguesa DaWeasel canta há anos refrões anti consumismo e isso não a impediu de recentemente fazer uma música para um anúncio da McDonalds onde grita “Sempre mais, mais, mais!” provavelmente porque, mesmo tendo reflectido sobre o assunto, não resistiu ao dinheiro que lhe ofereceram. A Ética foi picada pela mosca tsé-tsé.

6 A Ética possível

As grandes empresas permeiam tudo, deixando-nos praticamente impotentes para tomarmos uma posição ética contra seja o que for. Uma posição ética radical obriga a um abandono do todo, uma vez que o todo está tomado. Eu acredito que abandonos totais tipo tribalismo de ir para as ruas tocar *djembe* é no máximo uma possibilidade temporária que eventualmente faz sentido numa determinada altura estruturante da vida. Acho que o caminho passa por estar o mais consciente possível de tudo, do porquê das coisas. Isso não é para mim, como sabes, sinónimo de acompanhar obsessivamente as notícias dos jornais e telejornais de forma a saber os pormenores da Grande Telenovela. É antes entender o pensamento humano, os comportamentos humanos, entender não os acontecimentos transitórios mas os Grandes Porquês que os provocam. Mas esta é já também uma posição muito limitada pela tal sociedade de controlo. Mesmo que se seja eticamente contra a política de ambiente das gasolineras, o preço a pagar para as boicotar é demasiado alto. Mesmo que tomemos conhecimento de todas os "crimes" praticados por todas as grandes empresas, boicotar todas significa, hoje, paralisar. Significaria não comprar em supermercados, não usar gasolina, não comprar *Nike*, não beber *Bacardi*, abdicar, abdicar, abdicar. Um boicote obsessivo incorreria também facilmente no risco de comprar *Rebook* e beber *Absolut* como alternativas às marcas na lista negra e vir mais tarde a saber que também esses utilizam mão-de-obra infantil ou seja lá o que for. Assim, hoje, e porque vivemos na tal sociedade de controlo, estamos controlados ao ponto de não podermos viver de acordo com aquilo em que acreditamos. Não conseguimos. Já não dá. É essa a dívida que temos para com a sociedade e que faz de nós divíduos e já não indivíduos. Além disso passou a ser normal na nossa vida profissional sermos forçados a fazer coisas que consideramos condenáveis pela simples razão de estarmos por contrato obrigados a fazer o melhor pela empresa, e acabamos por nos habituar a isso. Somos hoje a causa e a consequência deste pântano onde a Ética tem muita dificuldade em se manter à tona.

7 Progresso = Conforto + Segurança

A motivação que legitima tudo e que faz como que sejamos nós os primeiros a acreditar que tudo isto é bom, normal e desejável e ignorar os seus efeitos secundários é a noção de que o progresso é importante por aumentar o nosso conforto e a nossa segurança e que estes são imprescindíveis para garantir o nosso bem-estar. No entanto esta crença não é baseada na experiência e muito menos é comprovada por todos. A verdade é que o real bem-estar que vivemos hoje não é em nada superior ao que vivíamos há um milhar de anos e que tudo é relativo. No dia em que nos EUA (o paradigma do progresso) as pessoas tiverem fácil acesso a um comprimido que cure todas as doenças e a foguetões pessoais para ir à Lua passar o fim-de-semana, quem no resto do mundo não tiver esses comprimidos e um foguetão viverá por comparação na pobreza.

É certo que hoje vivemos mais tempo e que já erradicámos uma série de doenças que antes eram um flagelo. Mas será viver mais tempo mesmo importante se vivemos a maior parte da vida limitados por medos e inseguranças ou se vivemos 20 ou 30 dos nossos anos em stress por causa do trabalho e angustiados com a carreira profissional? Desafio-te a mostrares-me um estudo que prove que as pessoas vivem hoje realmente mais felizes do que há uns séculos atrás. Eram mais vivas. Hoje vivemos mais tempo, mas menos vivos. O progresso é fixe, é agradável, é confortável, mas ninguém parece querer reparar que o progresso se está a dar à custa de algo muito grande, à custa do Planeta e à custa da nossa Liberdade.

8 Pseudo-liberdade letárgica

O meio social criado por esta situação potencia a inconsciência, cria uma espécie de letargia do pensamento crítico, torna-nos pequenos robôs que executam contentes uma série de comandos preestabelecidos na ilusão de que são livres. Hoje podemos ir todos de férias para qualquer canto do mundo. Mas não é curioso que, existindo 180 países com 180 culturas diferentes, as pessoas escolham sempre os mesmos 10 destinos do mundo? E não é curioso que quando chegam a esses 10 destinos, que são radicalmente diferentes do sítio de onde vieram, têm a expectativa de encontrar o conforto a que estão habituadas e que garanta que não estranhem esse destino em demasia? Para quê? Para poderem descansar. Porquê? Porque, compreensivelmente, estão cansadas de trabalhar o resto do ano e agora a prioridade é descansar. Então, por um lado dão a volta ao mundo porque é suposto e porque se pode, mas por outro antes de irem garantem que há lá almofadas que amortecem o choque cultural. Na prática descansava-se perfeitamente ali na Costa Vicentina, mas porque nos é ensinado que estamos numa cultura cosmopolita em que é suposto viajar, então viajamos e vamos ali conhecer outras culturas. Mas com almofadas que é para não chocar, para não nos magoar mais do que aquilo que decidimos deixar, para não nos transformarmos. Porque senão dava muito trabalho, era demasiado chocante e hoje quer-se experiências soft-radicaís. Experiências que nos dêem histórias para contar mas que não nos transformem para não termos que lidar com imprevistos. Aliás, isso é facilmente comprovado: quando voltamos de uma viagem perguntam-nos “o que vimos?” e não “o que experimentámos?” nem “o que aconteceu?”. Viajamos para ver o máximo de coisas. Mas ver, *sightseeing*, é uma actividade passiva.

Vivemos a 10%. Transformações implicam crises e hoje ninguém tem disponibilidade para grandes crises porque está toda a gente demasiado ocupada e stressada a conciliar os filhos com a carreira. Mas como é que, mesmo vivendo a 10%, ganhamos a ilusão de que vivemos a 200%? É simples: alteramos os nomes das coisas! Alteramos o significado dos símbolos. Inflacionámos o valor aparente de umas coisas à custa do esvaziamento progressivo e sistemático de TODOS os símbolos.

9 Os símbolos

Há mais de 100 anos que a cultura ocidental está a treinar para não se surpreender com nada. Durante o último século conseguimos retirar Significado a praticamente tudo. A família era inviolável, agora resolve-se com um divórcio; O sexo era tabu, agora serve-se na TV a acompanhar refeições; Os idosos exigiam respeito, hoje são um empecilho; Os postais de Natal personalizados agora são SMSs em série; As despedidas formais no final das cartas hoje foram reduzidas a assinaturas automáticas tipo “Cumprimentos, Nuno” que configuras na tua aplicação de e-mail para nunca mais teres de te lembrar delas; As bandeiras, que representavam o que de mais sagrado há num país, hoje são motivos de enfeite da roupa. Nada disto é errado em si. É simplesmente como as coisas são. Mas não é irrelevante, significa algo, tem consequências reais: enfraquece os símbolos. Pensa em qualquer símbolo e facilmente concluirás que perdeu valor. Tudo é hoje menos solene, menos sagrado. Por outro lado e paradoxalmente, tudo aparenta ser mais intenso! Hoje é tudo "Radical", "mega", "super", "único". Quando vivemos a 10% e aparece alguém que nos apresenta uma coisa e nos diz que ela permite viver a 200% então isso é o máximo porque mesmo que afinal só valha 20%, é já o dobro do que estamos habituados a experimentar e por isso não nos sentimos burlados. Está tudo desmistificado, plastificado, empacotado, “marketizado”.

10 Conceitos violados

A Publicidade é o protagonista deste esvaziar de significado dos símbolos. Somos nós que a legitimamos. Ao desenvolvermos rapidamente anticorpos contra ela obrigamo-la a evoluir e a ir cada vez mais longe. Há 60 anos que os anúncios utilizam os Valores a que damos importância para nos tentarem convencer a comprar. A Publicidade apropriou-se dos conceitos e tem vindo a distorcer subtilmente os seus significados. Como todos sabemos que é isso que a Publicidade faz, não ligamos nem lhe exigimos rigor e deixamos que vá assim, impunemente, desgastando os significados dos conceitos ao ponto de serem hoje cada vez mais estéreis e ambíguos e por isso praticamente inúteis para uma comunicação eficaz. Nem sequer a ciência está a salvo de ser abusada. Exemplos disso são os champôs com estudos científicos que provam que deixam o cabelo 8x mais protegido e 5x mais brilhante e etc. Como se mede isso de 8x mais protegido? Se o consumidor fosse exigente os publicitários estavam lixados. Devolvia-se o champô se só protegesse 4x em vez de 8x. Mas na verdade, quando hoje ouvimos num anúncio “8x” sabemos perfeitamente que isso só quer dizer "mais" e "melhor" e deixamos a coisa ficar assim. Outro exemplo: quando aquela marca de cerveja descobriu que é legalmente possível dizer que é a "Cerveja Oficial do Verão" porque não há nenhuma entidade que possa vir reclamar. Todos sabemos que é só a brincar que ela diz isso, mas ficou oficializado sem ninguém para oficializar. E já agora vai lá perguntar à Super Bock como é que eles sabem que “90,2% bebe cerveja por amor”. Nenhuma destas coisas é muito grave isolada a não ser que se lhes queira dar importância. Mas o conjunto delas ao longo dos tempos já teve, tem, e vai ter consequências importantes na forma como comunicamos e na credibilidade e autoridade da língua enquanto meio de comunicação. E esta está, por este e por outros motivos, cada vez mais fragilizada. Embora a Publicidade ataque sem critérios uma série de valores (amor, caridade, inveja, etc.) há dois que tem particular interesse em distorcer: felicidade e liberdade.

11 A Felicidade distorcida

A Publicidade quer distorcer o significado de Felicidade porque este é o que 100% das pessoas acreditam ser o objectivo da sua vida. Alterar o significado de Felicidade tem como consequência nada mais nada menos que alterar o objectivo de vida de toda a gente. Evidentemente que o plano, que está a ser particularmente bem conseguido, é convencer as pessoas de que a felicidade se alcança através do consumo de coisas materiais. Para tal confunde-se propositadamente Conforto e Bem-estar com Felicidade e troca-se o Ser pelo Estar. Uma vez que a esmagadora parte dos bens produzidos hoje não são essenciais, da forma que as coisas já estão, o mundo ocidental só existe enquanto as pessoas continuarem a consumir. Chegámos a uma situação em que os bens secundários se tornaram realmente essenciais na medida em que se não forem consumidos a economia entra em colapso e todos sofrerão com isso. É portanto fundamental para a nossa sobrevivência estar convencidos de que a felicidade está no consumismo. E embora racionalmente ainda consigamos concluir que o consumismo não traz felicidade (isso continua presente na cultura através dos filmes, dos livros e até nos provérbios populares) estamos de tal forma programados com essa nova directiva que não concebemos a vida sem uma série de coisas que aprendemos a achar essenciais. As coisas que nós temos têm-nos. Os tais mecanismos de defesa que entretanto desenvolvemos permitem-nos conciliar um estilo de vida de consumistas obsessivos com a noção teórica abstracta do essencial mas que remetemos para o campo da Religião que hoje, por essa mesma razão e ao contrário de antigamente, não temos alternativa senão manter estanque, isolada e completamente separada da vida real do dia-a-dia. Para encontrar exemplos de distorção do conceito Felicidade basta ir à rua. Neste momento por exemplo há uma campanha qualquer que diz "Baixámos os preços para a sua felicidade".

12 A Liberdade distorcida

A Publicidade quer distorcer o significado de Liberdade por uma simples razão: serão poucos os que acreditam ser possível ser feliz sem liberdade. Ora é fácil perceber que se as pessoas estiverem conscientes de que ser livre implica não ser manipulado, vão rapidamente deixar de querer ser manipulados. Aí seria mais difícil distorcer os conceitos à la gardere e as manhosas técnicas de marketing deixavam de passar incólumes. Ao ler textos de filosofia sobre a liberdade vemos que esta costuma estar associada ao conceito de Autonomia. Autonomia conquista-se à custa de ganhar uma maturidade total sobre todos os aspectos da vida. Hoje são poucas as pessoas que ganham realmente maturidade. Aprende-se os modos dos adultos, é-se adulto nos comportamentos, mas continua-se emocionalmente criança. Sente-se ciúme, inseguranças, medos, depende-se de montes de coisas. Rousseau disse que a condição de liberdade era inerente à Humanidade, uma faceta inevitável da posse de alma e conhecimento, com a implicação de que todas as interacções sociais desde o nascimento implicam perda de liberdade, voluntária ou involuntária. Já muito se disse sobre a Liberdade e já muito se lutou por ela. Mas há vários tipos de liberdade que representam coisas completamente diferentes. Liberdade de movimentos, de expressão, religiosa, de escolha, etc. Independentemente dos tipos de liberdade de que se fala, o importante é estar realmente consciente dela. Eu acredito que, mesmo que nunca se consiga ser realmente livre, se possa ser feliz no processo de luta por essa liberdade. Neste momento a publicidade ensina-nos que somos muito mais livres do que realmente somos. Isso deixa-nos na ilusão de que não temos de lutar e leva-nos à tal pseudo-liberdade letárgica de que falei antes. Exemplo: És livre para escolher se queres ter telemóvel ou não. No entanto, da forma que o telemóvel foi adoptado pela nossa cultura, este está a tornar-se essencial e a vida será cada vez mais difícil sem um. Por isso, uma série de factores (amigos, pressões sociais, serviços públicos, etc.) exercerá pressão psicológica sobre ti para que adoptes um, para não deformares o normal, para não obrigares os restantes a terem de se esforçar para se adaptarem à tua idiossincrasia. O mesmo se passa com os carros, a comida e os destinos turísticos.

13 Independência – a falsa liberdade

Numa sociedade em que o sucesso de uma vida é medido pela quantidade de dinheiro acumulada, quase todos gastam uma boa parte do seu tempo e energia a lutar pela sua independência. Subir na carreira para se distinguir. Juntar dinheiro para conseguir independência financeira. Tudo isso, claro, para garantir a tal Liberdade necessária para alcançar a tal Felicidade. Mas essa independência é apenas uma ilusão. Diria até que é a ilusão mais comum nos dias que correm. Na obsessão de correr atrás da independência ficamos obcecados com a ideia de que conseguimos controlar uma série de factores externos não controláveis. Como consequência, quando estes factores ameaçam a Independência que já tínhamos conquistado, não só sofremos as consequências dos tais factores como ainda por cima sofremos o duro golpe de ver destruídas as muralhas da nossa fortaleza ilusória. Em vez de lidarmos com estes factores externos de forma positiva tratando-os como intrínsecos à vida e parte inevitável do nosso percurso, adoptamos então uma postura negativa decretando-os injustos e revoltamo-nos contra eles. O que na prática leva a uma só coisa: frustração. Bastaria uma atitude diferente – a ensinada pela maioria das doutrinas religiosas (os sacrifícios santificam, etc.) – para que as tragédias frustrantes se transformassem em oportunidades para nos fortalecer, para conquistarmos não Independência mas sim Autonomia. A Independência implica separação, a Autonomia não. A Autonomia implica maturidade e estabilidade, a Independência não. Só quando conseguir ser autónoma deve uma região ambicionar a ser independente. Muitas vezes os países querem a independência por ideais nacionalistas mesmo quando ainda não são autónomos. Isso costuma dar asneira. Um exemplo disso é o Paquistão o qual, quando foi criado à pressão, se viu grego para sobreviver e pelo caminho acabou por perder metade do território que é hoje o Bangladesh e que é um dos países mais pobres do mundo. Hoje vivemos numa cultura que programa as pessoas para lutarem pela sua independência sem lhes explicar o que isso significa nem as preparar convenientemente para desenvolverem a sua autonomia.

14 Iniciativa activa versus iniciativa passiva

Uma vez que a sociedade não só não nos incentiva a crescer como, pelo contrário, nos proporciona um ambiente em tudo propício a viver a vida toda de consciência atordoada, só nos resta uma possibilidade: resistir. Mas é engraçado que, como referi acima, mesmo estas tentativas de resistência são constantemente assimiladas pelo sistema. Por exemplo a cultura Hip-hop começou como algo marginal com letras explícitas de intervenção contra o sistema mas hoje é a música que mais passa na MTV e há muito que as letras deixaram de ser levadas a sério. As roupas e comportamentos dos cantores de Hip-hop estão carregados de revolta, violência e rebeldia. Essa mesma rebeldia foi normalizada, institucionalizada e é hoje vendida a metro em todas as lojas da moda. No momento em que as suas marcas preferidas os fabriquem, pessoas com medo de andar de transportes públicos vestem gorros e casacos “*streetwise*” iguais aos do Eminem porque sentem vontade de imitar a sua atitude. Adopta-se uma postura rebelde e crê-se já que se é rebelde. Mas não. Ser rebelde é hoje apenas mais um dos estilos de vida aceites, assimilado e propostos pelo sistema. É-se rebelde pelas mesmas razões que se é do Benfica ou do Sporting. Na prática, essas iniciativas não são activas mas sim passivas pela forma como foram adoptadas, de forma não crítica, por contágio e não por serem eticamente inevitáveis.

15 Ética vs Moral

A diferença entre uma iniciativa activa e uma iniciativa passiva é, talvez, a diferença entre ética e moral. A Moral é o conjunto de regras coercivas impostas por uma determinada sociedade num determinado momento. A Ética é o conjunto de regras facultativas que um determinado indivíduo pode adoptar por princípio. A Ética é uma reflexão sobre a Moral. Na perspectiva do indivíduo a Moral vai de fora para dentro enquanto a Ética vai de dentro para fora. A Moral é o medo, a Ética é a coragem. A Moral recebe-se, a Ética oferece-se. Uma característica importante da Ética é o facto de não ser possível transmiti-la entre indivíduos. Ao transmitir a outro um princípio ético este transforma-se inevitavelmente num valor moral. O outro terá no máximo a oportunidade de, a partir deste valor e com base na sua experiência de vida, construir o seu princípio ético.

Perante uma determinada tomada de posição de alguém é difícil, se não impossível, determinar se esta é ética ou moral pela simples razão de que o próprio indivíduo pode não o saber. Muitas são fáceis de identificar como morais, como os surtos de solidariedade em massa que duram enquanto durar a campanha de televisão. Ou o tão convenientemente fácil reenvio de e-mails de intervenção pelo simples facto de que “não pude deixar de enviar porque tinha de fazer alguma coisa para ajudar porque é importante que isto se saiba” que faz com que de repente toda a gente lute por tudo o que é causa sem que no entanto se identifique realmente com nenhuma delas.

Estas iniciativas para todos os efeitos são positivas ou pelo menos nada têm de negativas. Mas são eticamente estéreis. Ajudam talvez a melhorar um problema transitório mas não ajudam a melhorar a Humanidade. São acções selectivas e irreflectidas. Criticamos que se deitem papeis para o chão mas deitamos beatas para o chão. Porquê? Porque nos colocamos no lugar de quem nos ensinou que não se deitam papeis para o chão, concordamos com ele e por isso adoptamos essa ideia. Mas não nos pomos no lugar do chão para com ele sofrer as consequências de ficar cheio de lixo e, por reflexão, entendermos que também a beata é lixo. E por vezes adoptamos os valores de forma tão irreflectida que cegamente criticamos quem deite lixo para o chão mesmo que seja uma casca de banana no meio do campo.

Um bom exemplo é o Jazz. Há 50 anos atrás o Jazz era algo marginal e os seus músicos rebeldes com uma causa. Lutaram e conseguiram que o Jazz seja hoje um estilo musical altamente considerado. Entretanto alguns destes que em tempos lutaram contra a hegemonia da música erudita, tornaram-se puristas, elitistas e conservadores e hoje têm uma postura semelhante à dos seus antigos inimigos. Afinal eles não lutavam pela Liberdade, lutavam apenas pelo Jazz.

É a estas iniciativas morais que eu chamo passivas, por oposição às que resultam de princípios éticos e que permitem realmente resistir, crescer, construir novos princípios éticos e por isso melhorar a humanidade.

16 Esforço e Disciplina

As iniciativas activas requerem esforço e disciplina. Requerem esforço porque exigem verdadeira iniciativa, que obriga a um dispêndio de energia para fazer a tal reflexão, para pegar naquilo que nos dão e ir mais longe, aprender mais. Requerem esforço também porque ao adoptar uma postura crítica em relação à vida temos de estar preparados para estar sempre em transformação: Ao contrário dos valores morais que nos são impostos (e que muitos de nós adoptam cinicamente), quando construímos um princípio ético somos nós que o queremos adoptar por acreditar nele e isso obriga-nos a mudar, a transformar-nos, a adoptar uma posição que muitas vezes não é consensual. Essa constante transformação exige constante readaptação. Já estávamos habituados a ser assim e agora transformámo-nos em assado. É mais confortável ser como sempre se foi. As iniciativas activas também requerem disciplina uma vez que, depois da transformação, não querendo estar dependentes dos estímulos exteriores, é necessária uma manutenção dos princípios que adoptámos. Dá trabalho.

17 E então?

E então? E então é com cada um. Não há solução comum porque não há ética comum. É algo paradoxal. Uma hipotética solução só resultaria se fosse adotada pela maioria das pessoas. Ora, como já vimos acima, não só a maioria tende a não querer o melhor para todos como, por a ética ser intransmissível, se todos adoptassem a solução perfeita nunca seria por reflexão individual mas sim por campanha moral, o que inviabilizaria a solução porque seria certamente distorcida a longo prazo. Aliás, já houve várias tentativas bem intencionadas. Hoje chamam-lhe religiões e em geral servem um propósito bem diferente daquele para que foram criadas.

Posto tudo isto vejo quatro posturas possíveis:

Ignorar

Ler isto, achar que sim, dizer que “pois é, pois é” seguido de uma série de verdades com um ar grave, no fim dizer “mas olha, o último fecha a porta, por isso... logo se vê” enquanto se mete as pipocas no micro-ondas e esquecer o assunto. É o mais normal, talvez.

Evangelizar

Ler isto, concordar e tentar convencer o máximo possível de pessoas disto. Lutar por aquilo em que se acredita. Mesmo sabendo que a ética não se transmite acredito em transmissão de valores pois potenciam a possibilidade de esta surgir. Apenas penso que se tem de ter as expectativas certas acerca disto, sabendo que é impossível convencer alguém de algo para o qual não esteja preparado. Assim, este evangelizar deve ser feito através de dar o exemplo e não através da crítica moralista.

Fugir

Vender tudo, apanhar um avião para a Índia e viver o resto da vida a meditar num ashram de ioga guiado por um qualquer guru barbudo que só beba leite ou que se alimente exclusivamente do sol ou que esteja há 17 anos sentado debaixo de uma árvore com o braço esquerdo levantado, conforme o gosto de cada um. Não vou dizer que esta solução não pode dar frutos tanto para o próprio como para os outros, mas evidentemente que não é algo que se possa implementar em larga escala e não é algo que me atraia pessoalmente.

Evoluir

Esta é aquela em que acredito e que desejo perseguir. Apresento-a a seguir.

18 Aprender a ser feliz

Acredito que evoluir significa simplesmente isto: aprender a ser feliz. Mas refiro-me a ser feliz à séria! Ser feliz não tem evidentemente nada a ver com ser alegre nem com ter uma vida confortável cheia de bem-estar material em que não falte nada. Haverá muita gente que julga ser feliz quando está apenas contente. Como tal, embora um mínimo conforto material e social seja necessário para nos dar uma estabilidade mínima por estarmos habituados a um determinado nível de vida, este conforto deve ser vista como um meio e não como o fim em si.

A felicidade é contagiante. Não me parece possível que alguém consiga alcançar a felicidade à custa de outros, nem que alguém que seja feliz prejudique os que estão à sua volta. Porquê?

Porque quem está feliz está bem consigo próprio e como tal não se sente ameaçado e como tal não sente necessidade de se defender dos outros e como tal não ataca ninguém. Por isto, tentar evoluir e tornar-se uma melhor pessoa é a melhor coisa que alguém pode fazer pelos outros.

Acredito que a solução passa por fazê-lo dentro da cultura onde se vive e trabalhar com base nela. Ao longo de milhares de anos a civilização desenvolveu técnicas para auxiliar essa evolução, tanto na nossa como nas outras culturas. Há muitas. Uma passam pela via intelectual, outras pela via espiritual ou religiosa, outras ainda pela via física. Estudar filosofia, ler literatura, praticar ioga e meditação, desenvolver uma actividade desportiva, escalar uma montanha, todas são válidas se já deram provas no passado. Identifico-me mais com uma prática que trabalhe tanto o corpo como a mente porque vejo-me como um sistema corpo-mente. Desde que Descartes disse “Penso logo existo” que a Humanidade se esqueceu do corpo, tornou-se cerebral. Felizmente que entretanto Nietzsche nos lembrou de que o corpo também cá está e estamos lentamente a reaprender que são ambos igualmente importantes, auxiliados pelos exemplos orientais a que temos tido cada vez mais acesso.

Ironicamente vários exemplos à nossa volta mostram que todas estas actividades podem ser praticadas afincadamente sem qualquer sucesso. Ao praticá-las podes, ou não, passar de besta a bestial. Como tal, tentar evoluir é sempre uma profissão de fé. Requer acima de tudo acreditar em nós próprios e nas nossas escolhas e saber que tentar é já em parte conseguir. E requer também uma boa dose de sorte.

Esta evolução passa por encontrar um equilíbrio entre duas coisas: Aprender e Experimentar.

19 Aprender: Ganhar sabedoria

Pela formação que tivemos na escola e por pertencermos à cultura ocidental, a nossa evolução passa inevitavelmente pela aprendizagem intelectual. A necessidade de adquirir conhecimento é algo que nos está no sangue e da qual não conseguimos fugir. É o “caminho para a verdade” da cultura ocidental. No entanto, em grande parte por culpa do sistema de ensino – que para chegar às massas, há muito que se distanciou dos conceitos da Academia de Platão de onde provém – perdemos o controlo e esta necessidade de aprendizagem transformou-se num tique. A quantidade do que aprendemos passou a ser mais importante do que a qualidade do que aprendemos e tornamo-nos competitivos com os outros e connosco mesmos. Aprender, para a maior parte das pessoas, há muito que passou a ser um fim e não um meio.

Em nepalês o verbo *padnu* significa tanto ler como aprender. Inicialmente ler era apenas uma forma de aprender. Hoje as políticas culturais dos países promovem a leitura, fazem campanhas para incentivar as pessoas a ler, tenta-se criar hábitos de leitura. Ler autonomizou-se, separou-se do aprender, passou a ser auto valorizado. Ler deixou também já de ser um meio e passou a ser um fim. Hoje o que está a dar são romances ligeiros, histórias agradáveis que estimulem sensorialmente, que sejam excitantes, enfim, bestsellers que nos entretenham. Há também os que lêem para aprender factos históricos, trivialidades, para ficarem contentes por ficarem a saber mais coisas. Quantitativamente falando, claro. Como observou George Steiner, e ao contrário do que é comumente aceite pela sociedade, mais Cultura não é sinónimo de melhores pessoas. A prova disso, ainda segundo Steiner, foram os oficiais nazis que, tendo consumido e produzido literatura e música clássica em grandes quantidades, não deixaram de exterminar judeus. Alguém com mais Cultura fica mais culto, mais educado e torna-se, pelos parâmetros actuais, num intelectual altamente respeitado pela sociedade, mas nem um bocadinho mais sábio. Quer saber tudo e não chega a entender nada. Aqui se encontra a profunda diferença entre o sabichão e o sábio. A verdadeira evolução, com sorte, leva à sabedoria.

A literatura que nos faz evoluir é a que nos ensina sobre as pessoas, sobre os seus comportamentos e formas de ser, sobre o mundo e sobre nós mesmos. É a que nos transforma pelo espanto, pelo deslumbramento e não pelas emoções. É Dostoievski e não Dan Brown, é Fernando Pessoa e não Margarida Rebelo Pinto, é Deleuze e não “Como ter sucesso em 21 dias”. Nota que não estou a dizer que ler Dan Brown, Margarida Rebelo Pinto faz mal ou está errado. Apenas me custa a crer que com eles evoluas realmente, nem que seja porque me custa a crer que os seus autores tenham evoluído ao escrevê-los. Entretêm. Entretenimento também é importante mas aqui é de outra coisa que falo. O curioso é que, da forma que a História configurou a coisa, hoje é fácil encontrares um fã de Paulo Coelho e Nicholas Sparks a dizer com autoridade a outro que devia ler mais porque ler é importante. Também o ler foi já, de certa forma, esvaziado de significado.

Por exemplo, não é curioso que a maior parte dos livros que as pessoas hoje lêem sejam bestsellers escritos há menos de 10 anos? Não é improvável que, andando a Humanidade a escrever há milhares de anos, fiquemos satisfeitos com o mais recente? Não é improvável que os melhores livros sejam os últimos que foram escritos? Até porque, como se sabe, atravessamos neste momento o que é talvez a maior crise da História no que toca à criação. Então o que explica este fenómeno? Explica-o o facto de que somos hoje quase todos reactivos, que adoptamos a primeira coisa que nos metem à frente e poucos são os que olham para além do que está na montra da loja. Não há busca pessoal, não há pesquisa, não há um caminho a seguir.

20 Experimentar: Ganhar intuição

Intuir é, arrisco, saber sem saber que se sabe. Tal como a sabedoria se alcança aprendendo, acredito que a intuição se desenvolve com a experiência. Há quem nasça já com bastante intuição e há quem tenha a intuição de um calhau. Mas como se diz no Tibete, “pedra é vida lenta”. Evoluir é sempre possível para quem está vivo.

Da mesma forma que a nossa cultura acabou por separar o ler do aprender desenvolvendo um ler puramente sensorial, o mesmo aconteceu às experiências. Hoje as experiências que estão na moda são todas superficiais, sensoriais, emocionantes. Já experimentaste bungee jumping? E paintball? Jet ski? Karts? BTT? Queda livre? Não? Então não viveste nada, pá! Chamam-lhe experiências radicais mas de radical têm muito pouco. São, no máximo, arriscadas. E muitas delas apenas aparentemente arriscadas. Podem fazer-nos sentir emoções que de outra forma nunca sentiríamos, mas mais nada, nenhuma delas nos transforma, nos faz evoluir. São estas as experiências que valorizamos hoje. São boas para entreter e descomprimir e isso também é importante, mas é de outra coisa que falo. As experiências que aqui valorizo são outras, são as que transformam, as que te deslumbram e que te dão evidências depois das quais nunca mais ficas igual. São experiências que podes aplicar à tua vida e à tua relação com os outros.

Ter um filho é um bom exemplo de uma experiência acessível e que transforma profundamente. Mas para além desta há um oceano de possibilidades. Dou particular importância a experiências relacionadas com o processo voluntário de busca do autoconhecimento. Seja psicologia, sistemas orientais como o ioga, meditação e artes marciais, viajar para experimentar outras culturas, conviver com outros povos, ou tão simplesmente o esforço constante e consciente de observação do próprio e dos outros.

Há também a experiência estética – a Arte. Embora não tenha bem a certeza do que estou a dizer, vejo a experiência estética como um híbrido entre o aprender e o experimentar. Assistir a uma peça de Beckett, ler um poema, ouvir uma sinfonia, contemplar um quadro, muita da literatura, são todas actividades que ultrapassam o cognitivo e invadem o nosso espaço físico. Embora ainda sejam aprendizagens tratam-se já de experiências, são representações indirectamente ligadas à nossa vida real. São estas experiências estéticas por vezes as únicas formas que temos de tocar o sublime, de vislumbrar o transcendente. Dar acesso ao sublime é, talvez, a principal função da arte para quem a consome.

A verdadeira experiência, com sorte, leva à intuição.

21 Experimentar: Vários Modos de Acesso

Há ainda outro aspecto a ter em conta na experiência: o Modo de Acesso. Existem infinitos modos para aceder às coisas. Tal como se pode ouvir o Requiem de Mozart de uma forma que nos perturbe e nos deixe cheios de comoção, é também possível cantarolar as suas melodias enquanto se empurra um carrinho de supermercado. São modos diferentes de acesso à mesma coisa. Apenas alguns modos de acesso permitem realmente aprender. Há modos de acesso que nos permitem tocar nas coisas, mas os que me interessam são os que permitem que as coisas nos toquem.

As crianças são peritas nisso. Para elas um castelo de areia é mesmo um castelo, é tão real quanto necessitam. Isto é, talvez, a verdadeira liberdade. Nesse castelo de areia conseguem não apenas fingir mas realmente experimentar como é ser príncipe ou princesa. Porquê? Porque não têm preconceitos. Uma experiência é tanto mais intensa quanto menos preconceitos a travarem. Exemplo disso é a clássica frase “isto também eu fazia” que um leigo em arte diz diante de um qualquer quadro expressionista abstracto, ainda agarrado ao preconceito de que a qualidade da técnica se mede pela capacidade de imitar o real ou pela complexidade dos detalhes. Desiludido ou indignado, não se permite experimentar o quadro.

22 Aprender + Experimentar

Se aprenderes muito e não experimentares nada tornas-te naquilo a que vulgarmente se chama um “teórico de merda” e corres o risco de passar tanto tempo a polir o carro que depois não tens tempo de o guiar. Se só experimentares sem aprender nada, és capaz até de conseguir ir a algum lado mas provavelmente com muito mais trabalho por estares a desperdiçar todo um conhecimento acumulado de vidas e vidas de experiência. Haverá com certeza muitos bons exemplos de ambos. Mas vejo-os como exceções. A chave do sucesso – neste caso o sucesso reside no tentar e não necessariamente no conseguir – está em conjugar ambos, o aprender e o experimentar, como dois vasos comunicantes: experimentar o aprendido, aprender o experimentado.

O amor é um bom exemplo por estar ao alcance de todos. Sem experimentar amar é impossível entender o amor. Mas mesmo depois de o experimentar, se não tivermos aprendido nada sobre ele, corremos o risco de não saber lidar com as nossas emoções e rapidamente o transformar em ódio. Se pelo contrário aprendermos tudo sobre o amor sem nunca chegar a experimentá-lo, toda essa aprendizagem será vã e frustrante. Pensamos compreendê-lo mas nunca o chegaremos a entender.

23 O Mar da Vida

Imagina que o mar é o mundo e a nossa vida o percurso que fizemos dentro dele. Nascemos numa praia e assim que aprendemos a nadar está na nossa natureza começamos a afastar-nos da costa sem nunca mais parar em direcção ao mar. Alguns de nós pelo caminho vão encontrando objectos com os quais vão construindo uma jangada para os ajudar a boiar – criam defesas; outros aperfeiçoam ao máximo o seu estilo de crawl para conseguirem nadar mais depressa ou o seu estilo de costas e assim conseguirem boiar com mais facilidade – desenvolvem ataques. Mais cedo ou mais tarde, quando chegarmos ao mar alto, as ondas tornam-se tão altas que as embarcações ficam instáveis e correm o risco de se virar e os que nadam começam a engolir pirolitos e cansam-se muito depressa. Ai acaba o descanso e viver passa a ser um constante “tentar sobreviver”, tentar ficar à tona de água.

Mas algo passa facilmente despercebido quando se está numa tempestade no meio do oceano. É que apenas a alguns metros abaixo da superfície há sempre silêncio, paz e serenidade. Todos os que já experimentaram mergulho sabem disto. A minha ambição não é construir uma embarcação invencível que resista às piores ondas ou tornar-me incansável para nadar sem parar no meio das piores tempestade. A minha ambição é desenvolver ao máximo a minha técnica de apneia para mergulhar no silêncio por tanto tempo que me esqueça que lá em cima na superfície há tempestades.

Nuno Godinho